

**Aeroporto — Área restrita** chega à Max com novidades e o mesmo suspense que fez da série um sucesso

WBD/Moonshot Pictures/Divulgação



**Agentes da Receita em uma verificação de mala na sexta temporada da série Aeroporto — Área restrita**

# Os guardiões das fronteiras

POR PEDRO IBARRA

O controle da Receita Federal nos aeroportos do Brasil parece um bicho de sete cabeças quando visto de fora. Porém, há algum tempo uma série mudou o olhar do brasileiro para isso. *Aeroporto — Área restrita* chega à sexta temporada e, desde o último sábado, está lançando dois episódios por semana na Max com os casos mais inusitados que ocorrem nos aeroportos do Brasil.

Para a nova temporada, algumas modificações foram feitas para trazer o ar da novidade. O Aeroporto de Confins, em Belo Horizonte, foi adicionado à lista, que já conta com Guarulhos, em

São Paulo; Viracopos, em Campinas; Galeão, no Rio de Janeiro. Foi garantida uma maior presença feminina neste ano. Os agentes também serão auxiliados por um dos ícones das discussões recentes na tecnologia: a inteligência artificial.

No entanto, nada é tão atrativo para a série do que os próprios casos que ela acompanha e narra. “A realidade nos ajuda a trazer sempre um frescor para a temporada”, crava Adriana Cechetti, diretora de produção executiva da Warner Bros Discovery. Ela garante que, este ano, os episódios mostraram situações muito diferentes.

De carregar quantidades grandes de cabelo a animais já assados dentro da mala, o que sempre chama mais atenção é o crime. Roberto D’ávila, diretor-geral para a Moonshot Pictures, responsável pela produção da série, confirma que os casos vão girar em torno disso. “O crime também vai se adaptando conforme os agentes vão aprendendo

a encontrar. É um gato e rato acontecendo, uma perseguição”, comenta Roberto, que antecipa que não só os voos internacionais têm tráficos de drogas. “Vimos muitos casos recentes de transporte entre estados do Brasil”, conta.

O que não muda é o interesse do público. A série tem uma base de fãs aficionada que pede para tirar fotos com os agentes nos aeroportos e acompanha cada caso e episódio com comentários e atenção. Os motivos não pareciam claros, então, foi necessário investigar. “ Fizemos várias pesquisas e o que tivemos de retorno é que as pessoas gostam de ver a justiça sendo feita. Outro ponto é que as pessoas assistem para aprender”, revela Adriana.

A forma como a narrativa é conduzida é crucial também para captar o espectador. “Apesar de a série ser real e documental, a gente a escreve como parte do gênero thriller. Narrativamente, procuramos trazer elementos de suspense que atraiam e conectem a história com o público”, destaca Roberto. Contudo, a verdade é que tudo que é diferente chama a atenção. “É curioso todo esse universo”, complementa Adriana.